

AMBIENTE

Alterações climáticas sob a lupa de cientistas da ONU no Algarve

Reunião inédita do IPCC em Portugal foca-se nos impactos sobre os ecossistemas naturais e humanos no planeta

Pela primeira vez, Portugal vai ser palco de uma reunião de especialistas do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas das Nações Unidas (IPCC). Cerca de 260 investigadores, de 60 países, vão reunir-se na próxima semana na Universidade do Algarve, em Faro, para dar novos passos na elaboração do terceiro relatório especial do IPCC, que só será revelado em 2021.

Os especialistas deste grupo de trabalho vão analisar “a literatura científica mais atualizada sobre o impacto das alterações climáticas nos sistemas naturais e humanos e as suas vulnerabilidades e capacidade de adaptação”, explica ao Expresso Thelma Krug, uma das vice-presidentes do IPCC. Sem poder adiantar pormenores sobre este relatório, a ex-diretora do Departamento de Políticas de Combate à Desflorestação do Brasil explica apenas que terá “dados científicos atualizados sobre, por exemplo, os desafios das alterações climáticas para a biodiversidade, para a saúde ou para as cidades”.

O documento terá uma estrutura semelhante aos dos impactos das alterações climáticas nos solos ou nos oceanos, mas desta vez contará com um *zoom* regi-

onal para todos os continentes sobre as diferentes vulnerabilidades à escassez de água, seca, subida do nível do mar ou ondas de calor, e a capacidade dos sistemas naturais e humanos se adaptarem à nova realidade. No relatório sobre oceanos e a criosfera, divulgado em setembro, os cientistas alertaram para a aceleração das mudanças que o aquecimento global está a provocar nos oceanos, tornando-os mais quentes e menos produtivos, pondo em causa a segurança alimentar e afetando mais de mil milhões de pessoas que

vivem em zonas costeiras.

O novo relatório será apresentado para discussão com os representantes dos 196 governos que integram a convenção das partes das Nações Unidas sobre alterações climáticas em agosto de 2020, cujas conclusões serão absorvidas no relatório final do sexto ciclo de avaliação da crise climática



Encontro vai ter lugar no Centro de Ciências do Mar, na ria Formosa FOTO JOSÉ CARIA

que será apresentado em 2023. Thelma Krug garante que a interferência política se resume “à clarificação da linguagem científica ou à sinalização de novas investigações”, e que “cabe a cada país assimilar a informação e agir com base nos resultados do relatório”.

Sem portugueses no grupo

Revelando “grande satisfação” por esta reunião se realizar em Portugal, a investigadora brasileira aplaude a iniciativa da Universidade do Algarve em acolher o IPCC, mas desconhece porque não há investigadores portugueses no grupo de trabalho. As propostas são feitas pelos países e submetidas a seleção com base no currículo dos nomeados e no equilíbrio de género e de distribuição regional. “É o grupo do IPCC com mais mulheres (33%)”, diz Thelma Krug, e conta com 47% de especialistas de países em desenvolvimento.

Também satisfeito por acolher esta reunião mostra-se o ministro português do Mar, Ricardo Serrão Santos, que participará na sessão de abertura da reunião do IPCC, no Algarve. “Portugal tem uma visão para a necessidade de mitigar as mudanças climáticas e o facto de esta reunião decorrer cá vai também dar visibilidade aos nossos cientistas”, confia o ministro. Na mesma linha de pensamento segue o reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, que sublinha a importância dos tra-

balhos científicos desenvolvidos pelo Centro de Ciências do Mar (CCMar) nesta área. Já o presidente do IPMA, Miguel Miranda, sublinha que esta reunião em Portugal, “é uma forma de a comunidade científica nacional se inteirar das controvérsias e dos problemas do IPCC e de perceber que os novos desafios exigem uma ciência mais complexa”.

Portugal não tem nenhum cientista no presente relatório do IPCC, mas já teve. O 5º relatório contou com os físicos Filipe Duarte Santos e Pedro Viterbo como *review editors* e o 4º com os contributos do biogeógrafo Miguel Bastos Araújo (Prémio Pessoa 2018) sobre os efeitos das alterações climáticas nas áreas protegidas europeias no quarto relatório.

Vários investigadores de universidades portuguesas trabalham em grupos de investigação ou consórcios internacionais que produzem informação científica que pode ser avaliada e integrada nos relatórios do IPCC. Entre estes há físicos da Faculdade de Ciências de Lisboa a trabalhar em modelos matemáticos que projetam cenários de aumento de temperatura e de quebra de precipitação na região mediterrânica, ou biólogos do CCMar a investigar os impactos das alterações climáticas nos ecossistemas marinhos.

A bióloga e vice-reitora da Universidade do Algarve, Alexandra Teodósio, salienta os estudos que apontam para “a tropicalização da costa portuguesa, com o aparecimento de

espécies de peixes ou de crustáceos subtropicais”, devido ao aquecimento dos oceanos.

CARLA TOMÁS

ctomas@expresso.imprensa.pt

NÚMEROS

37%

dos mamíferos marinhos estão em risco de extinção devido às alterações climáticas, à poluição e a outras atividades humanas, como a sobrepesca

9

em cada 10 pessoas podem estar a viver em países onde a produção alimentar com origem na agricultura ou nas pescas estarão em grande quebra em 2100

30%

da superfície da terra e dos oceanos devam ser classificadas como áreas protegidas até 2030, para travar a perda de biodiversidade, defende a ONU

Área: 504cm² / 39%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6727872